

# O CASO DOS CANHÕES DE OSCARBORG

e a importância  
dos pequenos  
gestos, causas  
de grandes feitos

**Paulo Henrique Cremoneze**



**Machado e Cremoneze**

Advogados Associados

*Seguros desde 1970*



**IIDT**

Instituto Internacional de  
Direito dos Transportes



Quase todo o mundo, ao menos da minha geração, conhece os canhões de Navarone, imortalizados por um filme espetacular.

Aqui, quero falar de outros canhões, quase desconhecidos, cuja história merece ser contada e aplaudida.

E ao contar a história desses canhões, destacarei o exemplo do coronel Eriksen, um homem que pode muito bem representar cada um de nós. Um homem que fez a coisa certa quando a vida lhe convidou ao protagonismo.

Vamos lá?

O forte de Oscarborg fica em pequena ilha rochosa na baía norueguesa que conduz a Oslo.

Nela havia três antigos canhões, batizados com os nomes de três importantes personagens do Antigo Testamento: Aarão, Moisés e Josué.

No início da Segunda Guerra Mundial, era comandada por um oficial prestes a se reformar: coronel Eriksen.

Em novembro de 1939, os britânicos começaram a espalhar minas nas águas costeiras da Noruega para impedir que os portos do país fossem usados pelos nazistas em uma possível invasão por mar da Grã-Bretanha.

Os noruegueses sabiam que os nazistas invadiriam seu país por razões estratégicas.

Certa noite, quase imperceptíveis, uma flotilha alemã se aproximava, capitaneada pelo cruzador "Blüncher", cheio de equipamentos bélicos e dois mil soldados de ocupação.

O coronel Eriksen, mesmo em meio a densa escuridão da madrugada, névoa e tudo mais, notou o avanço inimigo, confiou em sua experiência e mandou ajustar um dos canhões.

Disparo certeiro que atingiu o compartimento de munições e destruiu o cruzador.

A flotilha alemã recuou.

A invasão ocorreu por outros meios, mas houve algum tempo para os noruegueses tomarem medidas estratégi-



cas importantes, protegerem muita coisa e ajudarem os britânicos em suas defesas.

E em uma guerra especialmente dramática, como foi a Segunda Mundial, o tempo era mais precioso do nunca.

Trata-se de um episódio pouco conhecido, mas historiadores de calibre como John Lucaks, lhe dão muito valor.

Por que faço questão de comentá-lo?

Para nos lembrar do valor das pequenas coisas e de como atos confiantes fazem diferença.

Quando falamos da Guerra lembramos, com toda justiça, de Churchill, dos generais Montgomery, Eisenhower, McCartney e do Almirante Nimitz, mas não podemos nos esquecer daqueles personagens aparentemente menores, porém decisivos em algum momento, como o coronel Eriksen.

Uma grande vitória é composta da soma de pequenos gestos de grandeza e coragem.

Dentro desse contexto, destaco os pracinhas brasileiros. Foi-lhes destinada uma missão que nem de longe se compara com o desembarque na Normandia ou as Batalhas da

Bretanha, de Stalingrado, das Ardenas, de Midway ou de Iwo-Jima, mas que não foi irrelevante ou menos revestida de heroísmo.

A tomada do Monte Castelo foi o maior ato militar brasileiro depois da Batalha Naval do Riachuelo. Não podemos esquecer disso e deixar de nos orgulhar.

O zelo pelas pequenas coisas e saber lhes dar valor são características de que aspirar a magnanimidade, a virtude de doar a si mesmo.

Quem cuida bem das pequenas coisas, prepara-se para as grandes.

Isso vale para tudo: o estudo, o trabalho, a família, o círculo de amizades. É sabedoria de vida.

Pequenos gestos, atenção e comprometimento, costumam produzir grandes coisas, mudar positivamente realidades adversas e nos elevar moral e espiritualmente.



## Paulo Henrique Cremoneze

O autor é advogado, sócio de Machado e Cremoneze – Advogados Associados, mestre em Direito Internacional Privado pela Universidade Católica de Santos, especialista em Direito dos Seguros, em Contratos e Danos e em Direito Processual Civil e Arbitragem pela Universidade de Salamanca (Espanha), doutorando em Direito Civil pela Universidade de Coimbra, acadêmico da Academia Nacional de Seguros e Previdência, conselheiro (associado) da Sociedade Visconde de São Leopoldo, entidade mantenedora da Universidade Católica de Santos, membro efetivo do IASP – Instituto dos Advogados de São Paulo, autor de livros jurídicos de seguros e transportes, participante do Marine Insurance Course (Inglaterra), laureado pela OAB-Santos pelo exercício ético e exemplar da advocacia.